

pombal



**PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS**

AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL



TAXA PAGA
PORTUGAL
CARRAZADA DE ANSIÕES

Autorização n.º: DE00982014RL/RCMN

Publicação Mensal | 28 de fevereiro de 2014

| Ano XIX - Nº 206 | Diretora: Fernanda Natália Lopes Pereira

0,50€



Ó Entrudo... Ó Entrudo...

Visite Pombal de Ansiões | www.arcpa.pt

Plantas da Nossa Terra

Amendoeira



Catarina Lima

A *Prunus dulcis*, popularmente conhecida como amendoeira, é uma árvore da família das *Rosaceae*, de folha caduca, simples e alterna, muito ramificada e que pode atingir os 8 metros de altura. Tal como o pessegueiro, pertence ao subgénero *Amygdalus*.

As sementes do fruto são geralmente consideradas um fruto seco, a amêndoa, cuja etimologia provém do grego *amygdále*, através do latim *amygdala* (*Prunus dulcis*, traduzido do latim, significa “ameixa doce”). Apesar de o termo amêndoa se referir ao fruto da amendoeira (*Prunus dulcis*), habitualmente também se refere à sua semente, ou mesmo às sementes de outras variedades de amendoeiras.

A amendoeira pode ser também designada por amendoeira-amarga (*Prunus dulcis amara*) ou amendoeira-doce (*Prunus dulcis dulcis*), dependendo da subespécie. É

originária das regiões quentes e áridas do Oeste da Ásia, sendo levada, provavelmente, para a Grécia e Norte da África durante a época pré-histórica. Alguns autores, porém, consideram o Norte da África como local de origem desta espécie.

Em Portugal, é frequente na região do Douro e no Algarve. Apresenta raízes de cor negro-púrpura, com gretas profundas; os ramos, enquanto jovens, são verdes.

A floração, que ocorre normalmente entre fevereiro e abril, é anterior ao aparecimento da folhagem, originando uma paisagem muito típica e procurada pela sua beleza. As flores, rosadas antes de se abrirem e mais pálidas ou mesmo brancas na sua maturação, têm um diâmetro que varia entre os 40 e 50 mm. O fruto é ovóide, ligeiramente comprimido, e de cor cinzento-esverdeada, com uma cobertura suculenta que encerra o

caroço conhecido por amêndoa.

As amêndoas são utilizadas maioritariamente para fins culinários e terapêuticos (é muito rica em gorduras, fósforo, ferro, cálcio e vitaminas do complexo B). O seu óleo é também bastante utilizado na cosmética e na produção de licor.

As sementes de amendoeira contêm, como outras sementes de plantas do género *Prunus*, uma substância que produz ácido cianídrico (cianeto), em teor muito mais elevado nas amêndoas amargas, que pode causar graves perturbações neurológicas, tanto que a ingestão de 20 amêndoas amargas cruas pode ser fatal.

Bibliografia:

www.infopedia.pt/amendoeira
http://www.carquejaalmonds.com/ficheiros/amendoeira-historiaeinfluenciacultural_268.pdf
<http://www.cgalgarve.com/produtos/amendoa.htm>



Decar, Móveis e Carpintaria

Cozinhas | Quartos | Salas
 Parquet flutuante | Soalhos | Forros
 Todo o tipo de mobiliário por medida

Celestino Araújo Alves

278615060 | 961867993 | 912093010

Rua Tinta Barroca n.º 74 | 5140-353 Carrazeda de Ansiães



JMLIMA
 soc. mediação de seguros

José Lima

TM.: 91 943 55 56
jmlima.seguros@sapo.pt
www.jmlimaseguros.com

Rua Bombeiros Voluntários, 196
 5140-060 CARRAZEDA DE ANSIÃES
 T.: 278 616 218 F.: 278 617 953

FICHA TÉCNICA**Nome**

O Pombal

PropriedadeAssociação Recreativa e Cultural
de Pombal de Ansiões**Nº de Pessoa Coletiva**

500 798 001

Publicação Registada na D.G.C.S.

122017

Depósito Legal

129192/98

Diretora

Fernanda Natália Lopes Pereira

Paginação e Composição

João Miguel Almeida Magalhães

Redação e ImpressãoLargo da Igreja, 1 - Pombal de Ansiões
5140-222 Pombal CRZ
Telef. 278 669 199 * Fax: 278 669 199
E-mail: jornal@arcpa.pt**Home Page**<http://www.arcpa.pt>**Redatores**

Tiago Baltazar; Patrícia Pinto; Liliana Carvalho.

Fotografia

Fernando Figueiredo; Eduardo Teixeira; Fernanda Natália

ColaboradoresVitor Lima; Fernando Figueiredo;
Fernando Campos Gouveia; Flora Teixeira; Manuel Barreiras
Pinto; Catarina Lima; Aníbal Gonçalves; José Mesquita; João
Matos; Carlos Fiúza; Fátima Santos; Adriana Teixeira; Maria
João Neto; Raúl Lima; Rui Magalhães; Fernanda Cardoso.
(Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)**Tiragem Média**

500 Exemplos

PreçoO jornal O POMBAL é gratuito para os
residentes em Pombal de Ansiões
Assinatura Anual (Sócios)
Portugal: 8,00 Euros;
Europa: 18,00 Euros;
Resto do Mundo: 25,00 Euros
Assinatura Anual (Não Sócios)
Portugal: 12,00 Euros; Europa: 25,00 Euros;
Resto do Mundo: 35,00 Euros**Pontos de Venda**Sede da ARCPA (Pombal);
Papellaria Horizonte; Ourivesaria Cardoso;
Papellaria Nunes
(Carrazeda de Ansiões)

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO 1997

EDITORIAL

**Fernanda
Natália**

No dia 4 de fevereiro duas notícias, veiculadas pelos meios de comunicação social, contribuíram para consolidar um receio que já algum tempo me vinha a apouquentar.

Passemos aos factos. Nesse dia comemorou-se o “Dia Internacional da Luta contra o Cancro”. Numa entrevista que ouvi na Antena 1, onde participavam elementos da “Liga de Amigos”, dando conta da atividade da Liga e das suas próprias preocupações e dificuldades, houve um assunto que me ficou a tinir nos ouvidos: mais de metade dos apoios financeiros que a Liga dá aos doentes para transporte e alimentação vem para Trás-os-Montes. Concluíram dizendo que “é a Liga a substituir o Estado” e eu concordo apesar de me ficar um amargo de boca por perceber que alguém anda a fugir às suas responsabilidades. Nesse mesmo dia a notícia que abria os telejornais era, infelizmente, a do jovem de Chaves que, depois de sofrer um acidente de viação, devido ao diagnóstico que lhe foi feito teve de ser transportado ao longo de 400Km até Lisboa para encontrar um hospital que o “aceitou”, assim quase à laia de lhe fazer um favor. Surreal? Não, aconteceu mesmo.

Faço um retrocesso na História de Portugal (Peninsular, melhor dizendo). Recordo a teoria do “Ermamento” (tornar ermo, despovoar) com a qual se explicava a fuga generalizada das populações para as Astúrias devido às investidas dos Mouros. Apesar de se afirmar que a História não se repete vejo aqui alguns paralelismos. É que do modo como têm vindo a tratar os transmontanos, o ermamento não se aplica só àqueles que têm emigrado em busca de melhor vida, mas também se aplica de forma bem visível à fuga de serviços da nossa região, pela mão de quem parece apostado em fazer algo parecido com um genocídio dos transmontanos, só que em vez de câmaras de gás ou injeções letais exterminam-nos por Decreto.

Porém, porque ainda me vai ficando algum otimismo, continuo a crer que virá o dia em que Trás-os-Montes deixará de ser só paisagem “para Inglês ver” e que as suas potencialidades congregadas com as suas gentes vão conseguir que a região duriense retome o bom nome e o desenvolvimento que todos esperamos. O importante mesmo é não baixar os braços e mantermo-nos unidos, aprendendo a lição dos nossos antepassados que conseguiram derrotar os Mouros.

OURIVESARIA CARDOSO

de

José Alberto Pinto Pereira

Rua Luís Camões

Telef. 278 617 284 - 5140 Carrazeda de Ansiães



miravet
PRODUTOS PARA AGRICULTURA E PECUÁRIA, LDA.

Loja 1: Rua da República nº107 • tel. 278 263 263 • fax 278 262 628 • 5370-347 MIRANDELA
Loja 2: Rua de Stº António • Tel/Fax 278 616 515 • 5140-095 CARRAZEDA DE ANSIÃES
ARMAZÉM: Cruzamento de S. Salvador • Tel. 278 262 855 • 5370 MIRANDELA
E-mail: geral@miravet.eu - www.miravet.eu



syngenta
Carmo



STIHL
HONDA



Ansiães FM 98.1

A Rádio do seu dia a dia !

RÁDIO ANSIÃES, C.R.L.

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues

5140-100 Carrazeda de Ansiães

Tel. 278 616 365 - 278 616 295

Fax. 278 616 725

Internet: www.ransiaes.sbc.pt

E-mail: ansiaestfm@mail.telepac.pt

A Rádio Ansiães apoia a ARCPA, ciente da colaboração no progresso do concelho de Carrazeda de Ansiães.

os congelados do rauss



noratlântico
Ind. e Comércio de Prod. Alimentares, Unip., Lda.

peixe
mariscos
ultracongelados
vegetais
conservas
bacalhau sêco

QUALIDADE * VARIEDADE * PREÇOS BAIXOS

rua marechal gomes da costa 269 r/c - tlf. 278 618 096

CARRAZEDA DE ANSIÃES

(junto às traseiras do antigo centro de saúde)



Sabemos que a sua preferência fará o nosso sucesso!



BORGES PINTO & FERREIRA, LDA.

Confeitaria e Pastelaria, Restaurante
Snack-Bar, Salão de Chá e Café

Rua do Campo Alegre, 654
Telefone 226 068 646
4150-171 PORTO



Largo do Chafariz - 5070 Alijó
Telef. 259 956 691

Rua Luís de Camões, 791 - 5140 Carrazeda de Ansiães
Telef. 278 616 335

Av. das Amoreiras, 130 - 5370 Mirandela
Telef. 278 265 213
Telef. 912 224 418



Tlf.: 278 610 040 Tlm: 917 838 018
Fax: 278 610 049 vanguardalda@gmail.com
Delegado Centro Sul (Coimbra)
Arq. Jaime Veiros Tlm.: 917837198

Rua Marechal Gomes da Costa, 319, 1º Dtº
5140-083 Carrazeda de Ansiães

O Jornal **pombal**
tem o patrocínio do



INSTITUTO PORTUGUÊS
DO DESPORTO
E JUVENTUDE, I. P.



Regulamento Cedência do Salão

Sócio(a) / Filho(a) de Sócio(a) / Cônjuge

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	40€	15€	30€	75€
3/4	100€	40€	80€	200€

Não Sócio(a)

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	80€	30€	60€	150€
3/4	200€	80€	150€	300€

Obs: Para este efeito, as regalias de sócio, adquirem-se desde que se seja sócio(a) há mais de um ano, na data do pedido.

O salão deverá ser sempre pedido por escrito, com uma antecedência adequada.

Para casamentos, principalmente no Verão e datas festivas, a antecedência deverá ser, no mínimo de três meses,

Os pedidos serão objecto de apreciação e decisão, por ordem de chegada. Sempre que os pedidos sejam coincidentes, os sócios terão preferência sobre os não-sócios.

Ex.mo(s) Senhor(es) Associados/Assinantes

Caso pretendam receber o jornal, deverão recortar/copiar e preencher a Ficha de Assinatura abaixo e enviá-la para a ARCPA, com o respectivo meio de pagamento ou comprovativo de transferência bancária dos valores indicados, para as seguintes contas:

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo (C.a Ansiães) - NIB - 0045 2190 40052054541 39

Caixa Geral de Depósitos (C.a Ansiães) - NIB - 0035 0207 00005044030 35

JORNAL - O POMBAL

FICHA DE ASSINATURA

NOME - _____

MORADA - _____

LOCALIDADE - _____ CÓD. POSTAL - _____ - _____

PAÍS - _____

SÓCIOS ARCPA

Assinatura anual

- 8,00 Euros PORTUGAL

- 18,00 Euros EUROPA

- 25,00 Euros RESTO DO MUNDO

NÃO SÓCIOS

Assinatura anual

- 12,00 Euros PORTUGAL

- 25,00 Euros EUROPA

- 35,00 Euros RESTO DO MUNDO

ENVIO CHEQUE No _____ BANCO _____

VALE POSTAL No - _____

ou comprovativo de transferência bancária com a identificação do assinante

DATA - ____ / ____ / ____ Assinatura - _____

Envie para: Jornal O POMBAL * Largo da Igreja, 1 POMBAL

5140-222 POMBAL CRZ - CARRAZEDA DE ANSIÃES

Obs.: O pagamento deverá ser efectuado no início de cada ano.

Não há nada mais lindo que o sorriso
Ao retribuirmos esse sorriso
Aumenta a confiança
Um sorriso tem valor
Quem o dá não empobrece
Faz-se alguém feliz
Que ao recebê-lo enriquece
Um sorriso é uma dádiva
Que a todos faz bem
Levamos a felicidade
Ao sorrirmos para alguém
Um sorriso no olhar
Uma palavra, um carinho
Há sempre sorrisos a dar
A quem cruza o nosso caminho
Um sorriso nos lábios
É o espelho da alma
Que reflete no rosto
O esplendor da nossa aura
Vamos todos espalhar
Sorrisos em nosso redor
Pois o sorriso é nobre
Quando é dado com amor

FLORA TEIXEIRA



Sorriso

CONTACTOS ÚTEIS Carrazeda de Ansiães

- Câmara Municipal:**
Telef. 278 610 200 Fax. 278 616 404
- Bombeiros Voluntários:**
Telef. 278 616 104 Fax. 278 615 186
- Guarda N. Republicana:**
Telef. 278 610 020
- Centro de Saúde (Urgência):**
Telef. 278 610 050 Fax. 278 616 706
- Sta Casa da Misericórdia (Lar de Idosos):**
Telef. 278 616 747 Fax. 278 616 748
- Águas de Carrazeda(Serviços de Águas e Saneamento):**
Telef. 278 617 736
- Farmácia Rainha:**
Telef. 278 616 250
- Farmácia Veiga:**
Telef. 278 617 119
- Caminhos de Ferro (Estação de Tua):**
Telef. 278 685 177
- Direcção Regional de Agricultura:**
Telef. 278 616 361
- Escola de Condução:**
Telef. 278 616 278
- Escola E-B-2,3 (Escola Secundária):**
Telef. 278 618 190 Fax. 278 618 198
- Centro Regional de S. Social:**
Telef. 278 616 147 Fax. 278 616 251
- Conservatória Predial e Civil:**
Telef. 278 616 164 Fax. 278 615 327
- Cartório Notarial:**
Telef. 278 616 141
- Serviço de Finanças:**
Telef. 278 616 236
- Tesouraria da Fazenda Pública:**
Telef. 278 616 461
- Centro Social e Paroquial de Pombal (Lar de Idosos):**
Telef. 278 669 315

SERRALHARIA A NOVA
DE: ALBINO AUGUSTO CARVALHO

FERRO E ALUMÍNIO

Zona Industrial, Lote 6 * Tel/Fax 278 615 268
Tlfo: 917 601 847 * 5140-105 CARRAZEDA DE ANSIÃES

**O NOVO
TALHO NOVO**

talhonovo@hotmail.com
Carrazeda de Ansiães

Jornal "O Pombal" n.º 204 de 28 de Fevereiro de 2014



**Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial
de Carrazeda de Ansiães**

CERTIDAO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 26/02/2014, lavrada a partir de folhas oitenta e dois, respetivo livro de notas número setenta e dois - C, **Luis Maria Violas**, NIF 157 779 300, e mulher **Maria do Céu Pereira Violas**, NIF 157 779 319, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais ele da freguesia de Ribalonga, e ela da freguesia de Beira Grande, ambas do concelho de Carrazeda de Ansiães, residentes na Rua do Cemitério, Ribalonga, freguesia de Castanheiro do Norte e Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães declararam
Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidor de um **prédio urbano** composto de casa de rés-do-chão e primeiro andar com receito anexo, com a área coberta de noventa e sete metros quadrados, sito no Barreiro, extinta **freguesia de Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães**, que confina a norte e nascente com caminho, a poente com ribeiro e a sul com António Violas, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **432 da freguesia de Castanheiro do Norte e Ribalonga** (anteriormente inscrito sob o artigo 267 da extinta freguesia de Ribalonga), com o valor patrimonial de € 21510,00, igual ao que lhe atribuem

Que, entraram na posse do referido prédio, já *no estado de casados*, por compra a Maria Adelaide e Isaquiel Silva, que foram residentes na dita Ribalonga, compra essa feita em dia e mês que não podem precisar, do ano de mil novecentos e oitenta, e que nunca foi reduzida a escritura pública. Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificados, já possuem, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de conservação, uso e aproveitamento, tais como, usando-o como casa de habitação, cuidando-o, nele guardando os seus pertences, fazendo as necessárias obras de conservação, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por ele devidos, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio por **usucapião**, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

26.02.2014. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)
Conta registada sob o nº 133.

Jornal "O Pombal" n.º 204 de 28 de Fevereiro de 2014



**Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial
de Carrazeda de Ansiães**

CERTIDAO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 27/02/2014, lavrada a partir de folhas oitenta e nove, respetivo livro de notas número setenta e dois - C, **António Urbano Gonçalves**, NIF 166 745 723, e mulher **Maria de Fátima Andriano Gonçalves**, NIF 167 036 890, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais da freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem no bairro das Eiras, declararam
Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de um **prédio urbano** composto de casa de rés-do-chão, com a superfície coberta de cento e vinte e um vírgula trinta e cinco metros quadrados e a área descoberta de cento e cinquenta vírgula sessenta e cinco metros quadrados, sita no Bairro das Eiras, **freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães**, a confrontar do norte com Adelino Andriano, do nascente com António Castro, do sul com estrada e do poente com Orlando Santos, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **864**, com o valor patrimonial e atribuído de vinte e nove mil e cem euros. Que, entraram na posse do indicado prédio, já no estado de casados, por

compra verbal à Junta de Freguesia de Linhares, compra essa feita em dia e mês que não podem precisar, do ano de mil novecentos e mil novecentos e oitenta, e que nunca foi reduzida a escritura pública.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificados, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de conservação, uso e aproveitamento, tais como, usando-o como a casa de habitação do casal, cuidando-o, nele guardando os seus pertences, fazendo as necessárias obras de conservação, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por ele devidos, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio por **usucapião**, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

27.02.2014. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)
Conta registada sob o nº 139.

Tento na Língua

por Patrícia Pinto



“Os 93”



Patrícia Pinto

Hoje vou falar-vos de uma experiência pessoal que tenho vindo a concretizar.

Uma amiga pediu-me que fizesse companhia algumas horas por dia à sua avó de 93 anos que tem ainda uma capacidade cognitiva bastante razoável mas uma mobilidade física cada vez mais reduzida.

Não vou aqui dizer o nome verdadeiro da Senhora e por isso, irei dirigir-me a ela como a Avó Lu.

A avó Lu afeiçoou-se a mim no primeiro dia que estive com ela, conhecia-me de vista e poucas foram

as palavras que em toda a vida tínhamos trocado. Ainda no primeiro dia, lembrei-me do carinho dos meus avós e recordei a maneira incrível que têm de ser nossos segundos pais. Assim é a avó Lu, uma mulher cheia de garra, que trabalhou toda a vida, que tem um organismo corrompido pelo desgaste dos anos duros que enfrentou mas que possui uma rigidez enorme que nós, muito mais jovens, nunca conseguiremos alcançar.

A avó Lu não sabe ler nem escrever mas lê e escreve mais do que muitos “Senhores Doutores” que assim gostam de ser chamados. A avó Lu é uma pessoa simples, tudo está bem para ela desde que a confortem e lhe apaziguem o medo que tem de ser abandonada quando as forças já não a

deixam ser independente.

Falo-lhe alto porque a audição não está afinada como outrora e quando acho que o televisor está num volume bastante razoável ela diz-me se pode aumentar o volume porque assim mais vale desligá-la do que estar só a ver as imagens.

Os 93 anos exigem uma atenção especial, um carinho muito específico e gestos doces para que o coração de tão lutadora mulher não entre em derame de lágrimas e se transforme numa tristeza íntima letal.

Tem esperanças de melhorar, de ir para a horta, de colher as suas batatas, feijões, hortaliças, fruta. E, diz ela, que os tempos não estão para estragar e que as terras têm de ser cultivadas. Concordo com ela e digo-lhe que as coisas da terra que semeamos

para casa é que têm sabor e que o que compramos só sabe a água.

Cada vez que a levo à casa de banho diz-me: “Deus lhe dê saúde e boa sorte” e eu agradeço verbalmente mas, psicologicamente, imagino o que sentirá a avó Lu, habituada a ter de se desenrascar na vida e ter agora que se sujeitar a que lhe façam quase tudo estando consciente disso mesmo.

E perguntam vocês, qual o interesse desta história? Eu conto-vos. No dia em que lhe disse que não poderia voltar muitas mais vezes para lhe fazer companhia porque estava a estudar e os professores me disseram que se continuasse a faltar me chumbavam, ela passou a noite a rezar para que isso não acontecesse. Tem 93 anos, a saúde atormenta-a, sabe que está

dependente, mas mesmo sem quase me conhecer, ficou-me agradecida pela pouca companhia que lhe prestei e que me deu um prazer enorme e eu, para que ela aceitasse uma outra solução para o seu problema tive de omitir a verdade e imaginem o quanto mal eu me senti quando soube que a grande preocupação dela naquele momento eram os meus professores e que eu reprovasse. Uma educação repleta de velhos hábitos que se perderam na época moderna. Como serei quando for idosa se lá chegar, e vocês? Como a avó Lu? Resta-nos a esperança de um mundo melhor, uma esperança bem acesa como a que a avó Lu tem nas suas melhores horas. Obrigada avó Lu, ficará na minha memória até que esta se dissipe.

Figuras e Factos



Fernando Figueiredo

O Pastor, um espião da lua e das estrelas



Os pastores que ainda conheci, durante a minha infância e adolescência, tinham uma vida muito dura.

Bem cedo, mobilizavam-se a eles e aos membros da família mais directa, ou a outras pessoas com a actividade relacionadas, para ordenhar as ovelhas ou as cabras, recolhendo o leite, em vasilhas de lata, mais tarde de plástico, colocando-o ainda cedo, em casa dos compradores directos ou levando-o para a sua habitação, a fim de ser preparado e com ele se fabricar queijo, normalmente à noite, depois de coagulado suficientemente.

Esta era tarefa de mulheres que, após um dia de canseiras, no campo e nas tarefas domésticas, e também acomodados os filhos mais novos - às vezes uma autêntica prole -, se agarravam à francela e aos aros, deitando nestes o leite coagulado, espremendo-o lentamente, para o soro escorrer pelos orifícios e, em forma de líquido,

pelos sulcos da francela, passar por uma espécie de bica, numa das extremidades desta, para se precipitar numa vasilha e ser depois consumido como soro. O queijo, depois de salgado e mantido nos aros, durante alguns dias, era colocado a secar sobre tábuas, em lugar arejado.

Enquanto o leite e o queijo se destinavam a obter rendimento e também para consumo próprio, se bem que se diga que, normalmente, os pastores não bebem leite nem comem queijo, o soro apenas se destinava a consumo da casa e era oferecido a clientes, familiares, vizinhos e amigos. Como produto menor, não era, por isso, objecto de venda. Mas havia localidades onde se fabricava com ele algum requeijão, um tipo de lacticínio menos consistente e nutritivo do que o queijo, mas também comercializável.

Na freguesia de Pombal, os rebanhos eram normalmente pertença de algum proprietário mais abas-

tado, que o entregava a um pastor, um moço assalariado ou um pai de família, que dele tomava conta. No último caso, mediante um contrato oral, com a atribuição de uma percentagem sobre os lucros obtidos. Não raro era permitido ao pastor ter alguns animais seus no rebanho e até de outras pessoas, dividindo depois os lucros, de forma previamente combinada, quando houvesse transacção dos respectivos animais.

Sendo normalmente oriundo de uma família pobre, sem ou com escassa propriedade fundiária, e porque as terras do dono do rebanho não garantiam, durante todo o ano, as pastagens necessárias, o pastor tinha que ser diligente e imaginativo, de modo a procurar, sem grandes danos alheios, garantir, ao longo do ano, o sustento do rebanho. Nem sempre tal acontecia sem abusos, o que causava, por vezes, queixas e animosidades, que normalmente recaíam sobre o pastor e poupavam o dono do rebanho, cuja intervenção na sua condução era mínima, a não ser quando o tinha entregue a um assalariado, decorrendo, neste caso, toda a actividade leiteira e queijeira em casa do proprietário, e também uma maior responsabilidade pelos danos causados a terceiros.

Tomar conta do rebanho incluía, naturalmente, tratar do que a cada um dos seus elementos dissesse respeito. No quotidiano, havia sempre um trabalho complementar ao sustento, que envolvia servir de parteiro das crias, tratar um en-

torse ou resfriado, empanar uma ferida, efectuar todas as tarefas inerentes a enfermeiro e endireita, que o pastor ia aprendendo por sua conta e à custa dos animais que tratava, e cujos conhecimentos colhia e depois transportava, após longa experiência, para a “medicina popular”, prestando, assim, um importante contributo à sociedade em que vivia, principalmente numa longa época tão parca em conhecimentos científicos, e destituída de recursos humanos e medicinais.

A manutenção do gado, como a tosquia e o apartamento das crias, eram também tarefas inerentes à boa condução do rebanho e à sua desejada produtividade, exigindo uma boa organização do trabalho e uma atenção redobrada.

Ainda na segunda metade do século XX, socialmente, o pastor era uma das profissões ou ocupações menos consideradas, uma vez que provinha, quase sempre, de famílias numerosas, normalmente também as menos providas. Noutros casos, como acima se aludiu, eram eles próprios, senhores de uma prole para alimentar, sendo pequenos ou muito pequenos proprietários.

Ao longo de todo o ano, durante o dia, sem direito a folga ou fim-de-semana, com todo o tipo de condições atmosféricas, o pastor tinha que conduzir o rebanho. O dia parecia-lhe infundável, percorrendo montes e vales, mas fazendo as pausas necessárias para que o gado comesse. Encostado ao cajado, com uma manta às

costas e olho no conjunto que o acompanhava, apenas tinha a ajuda de um ou dois cães que, com ele, vigiavam e impediam a aproximação de intrusos, pessoas ou predadores indesejáveis.

Com a chuva e o frio, sem roupa e adereços adequados, tinha que se movimentar, quantas vezes encharcado até aos ossos. Com grande calor, nas horas da sesta, confiando nos cães, dormia uma soneca e acarrava o rebanho a uma sombra, até passarem as horas de maior canícula.

Por estas longas horas, o seu pensamento divagava por longe, tão longe quanto o seu restrito conhecimento do mundo o permitia. Mas, o mais comum era fixar-se em coisas do dia-a-dia, que tinham a ver com ele, a mulher, os filhos... a compra de uma pequena courela que pegava com a dele, a quem ir pedir o dinheiro, como pagá-lo sem sobressaltos; mas também, como viver depois de deixar tal vida, já que, quando mais velho, não conseguiria conduzir um rebanho, enfim... tanta coisa lhe passava pela mente e para poucas encontrava solução.

Por sua vez, os mais novos, ainda solteiros, pensavam na namorada, imaginavam como poder constituir família e, se possível, fora desta ocupação; ou então, como conseguir, por si ou com a ajuda de uma “boa mulher”, seduzir uma das filhas do patrão,

como maneira de assegurar mais tranquilidade e benefício no ramo. Outros, como emigrar e deixar de vez esta difícil e desconsiderada ocupação.

Entretanto, mais novos e mais velhos, passavam por momentos que eles próprios tornavam alegres, cantando, assobiando, tocando realejo e, não raro, partilhando estas formas de expressão com os que, também por perto, labutavam em diversas actividades. Mais excepcionalmente, num baile de domingo ou de festa, numa pequena folga, conseguida a muito custo e, por isso, aproveitada e generosamente partilhada.

Só mais tarde passou a ser habitual guardar o rebanho em lugar coberto e seguro, não longe da povoação, permitindo ao pastor ir dormir em casa do patrão ou da sua. Antes, o mais comum era pernoitar num lugar, durante várias noites, de modo a que o rebanho, protegido por cancelas de madeira amovíveis, pudesse deixar o estrume suficiente para o tornar mais produtivo. Assim, ia mudando de lugar, sucessivamente.

Até então, o pastor dormia numa cabana, com uma estrutura de madeira, coberta e tapada lateralmente a palha, que era transportada para o sítio onde o rebanho passava a pernoitar. Era uma itinerância que, muitas vezes, implicava também alguma mobilização de terceiros, para

mudar a cabana e as cancelas. Alguns dos filhos do casal foram concebidos nestas cabanas, ou porque a companheira do pastor, de tempos a tempos, ia com ele partilhar o estreito leito, ou porque uma escapadela pelo seguro, às mais diversas horas, assim o permitia. Mas, a maior parte do tempo, o pastor ficava só, com o seu rebanho e os cães que o acompanhavam, falando constantemente para todos, como se eles o compreendessem, e tentando ensiná-los e discipliná-los.

Até à mais recente Contemporaneidade, durante milénios, com pouco ou nenhum conforto, mas sempre com muito tempo, o pastor foi sobretudo **um espião da lua e das estrelas**. Com efeito, nas longas noites de que dispunha, tentava perscrutar a beleza e os caprichos da Lua, sempre vistosa e surpreendente, e as cintilantes estrelas, luminosas e distantes. Que mistérios encerravam, porque adquiriam tais formas, que futuro nelas podia ser vislumbrado? Por que é que tudo era tão belo e tão regularmente visível, mas também tão vago e incompreensível? Sonhava com elas, com as suas formas, com os seus mistérios... mas, bem cedo, tinha que sair do seu reduzido cubículo, verificar pormenorizadamente tudo o que proximamente o rodeava, abrir os olhos e assentar bem os pés neste mundo real, que não lhe

dava tréguas e do qual, só já noite alta, poderia de novo alhear-se um pouco, retomando a observação do céu e recolhendo à cabana para reflectir sobre os mesmos mistérios, dormindo e sonhando, num vaivém interminável, que o colocava entre dois mundos tão diferentes.

O apascentar de rebanhos tinha algo de romântico para quem o observava, mas era muito desgastante para quem o fazia.

A vida moderna tornou-se menos dura e até mais rentável para este tipo de actividade. Socialmente, ser pastor já não é hoje depreciativo, pelo menos como acontecia num passado ainda relativamente recente.

No entanto, perdeu a “medicina popular”, em alguma medida, uma fonte de conhecimento e sobretudo de um saber prático. Desde algum tempo que se vinha perdendo também e sobretudo, **um espião da lua e das estrelas**, que muitas vezes vertia para música e, principalmente, para verso, o resultado de muitas horas de observação e de reflexão, tão necessárias, em qualquer época, à produção do espírito.

Aqui fica a minha singela homenagem a todos quantos, sobretudo num passado mais difícil, exerceram esta honrosa profissão ou ocupação.

JANEIRO/2014





Fátima Santos

A festa de inverno - O Carnaval

A celebração dos solstícios é um ritual ancestral de índole pagã, manteve-se através da persistência de muitas populações (do meio rural transmontano) que não deixaram, nem esqueceram as tradições relacionadas com o Inverno. Transformaram-se estas celebrações numa **marca de identidade cultural**.

O ciclo festivo do Inverno começa no último dia de Outubro e termina no Carnaval. Há dois ciclos em destaque durante este período: o “ciclo dos doze dias”, que está entre o Natal e a Epifania, quando se celebram as **festas dos rapazes**, incluem o Natal, Ano Novo e Reis; O segundo ciclo é o Carnaval, de Sábado à Quarta-feira de Cinzas.

O uso da máscara é recorrente, na atualidade mais em algumas localidades do que em outras, tendo-se perdido também o costume das máscaras tradicionais para o uso das máscaras contemporâneas, em plástico e outros materiais. Na verdade, já as civilizações mais antigas como a grega, a romana e as celtas faziam o uso da máscara para os seus rituais mágicos. A máscara é utilizada essencialmente por homens e jovens rapazes, sendo esta um elemento primordial nos ritos de iniciação, ou como diz, Mircea Eliade: “graças aos quais os jovens acedem ao sagrado,

ao conhecimento e à sexualidade, em suma, se tornam verdadeiros homens”¹.

A comemoração do Carnaval relaciona-se desde um passado remoto com uma espécie de culto que se presta ao Sol como sinal de vida e fecundidade para a Natureza, para além do ritual de iniciação dos jovens, isto é, referindo a índole tradicional do evento e não a que todos celebram na atualidade (apenas mais um evento para a folia) à exceção de como foi referido, algumas localidades que persistem em manter a tradição. O ritual de fertilidade é o que mais se destaca ainda nas celebrações atuais, temos o exemplo dos caretos de Podence que envergando um fato de três cores (encarnado, verde e amarelo), com uma máscara de latão pintada, e com um conjunto de seis ou sete chocalhos presos à cintura andam todo o dia a correr rua acima rua abaixo “chocalhando” as mulheres solteiras que vão encontrando pelo caminho. Este ano teremos uma exposição patente no Centro de Inovação Tecnológica do nosso concelho, relativa aos

1 ELIADE, Mircea, *Ritos de Iniciação e Sociedades Secretas*, Lisboa: Êsquilo, Edições e Multimédia, Lda., 2004, p. 195.

Caretos e às tradições carnavalescas transmontanas. A visitar!

Carnaval no Concelho de Carrazeda

O Carnaval no nosso concelho tem sido ao longo dos anos, uma celebração do solstício de Inverno que não se tem afirmado nem como tradicional, nem como de interesse turístico, mas na realidade também desconhecemos como seria há muitos anos atrás, tendo a certeza de que teria também ele a sua índole festiva e tradicional tal como acontece ainda por algumas localidades, não querendo dizer que a festividade não tenha o seu encanto, mas de uma forma mais contemporânea e fugindo ao tradicionalismo, recorrendo cada vez mais à sátira, principalmente a política.

Atualmente realizam-se dois desfiles; um para as crianças das escolas, na sexta-feira anterior ao dia de Carnaval, e outro no dia de Carnaval em que participam todas as Associações Culturais e Recreativas do concelho. Os temas abordados são os mais diversos, desde sátiras políticas a temas do dia-a-dia. Temos que destacar ainda a participação dos Zíngaros de Carrazeda de Ansiães, grupo que geralmente abre o desfile. Mas o momento mais aguardado

é o da queima do “Pai da Fartura”, boneco gigante que simboliza de uma forma metafórica todos os males que tenham acontecido durante o ano. É um ritual em que se espera de alguma forma, a “vingança” e prevalece a esperança e a perspetiva da melhoria quer das colheitas, dos negócios, e da vida em geral.

Nas aldeias houve em tempos, uma celebração do Carnaval mais ativa, agora, com o desfile principal na Vila, todos preferem deslocar-se até lá. Ali se reunia a “canalha” e brincavam mascarando-se com o que tinham mais à mão, os sacos de papel das rações dos animais enfiados pela cabeça, com mais alguns adereços, ou vestiam as roupas dois mais velhos e assim se faziam adultos em miniatura. Por vezes, pediam alguma farinha aos pais e umas pistolas de água, ao fim do dia quando regressavam a casa era uma papa que só saía com um bom banho.

Outros tempos, outras brincadeiras, mais despreocupadas e talvez mais felizes! Hoje, adaptamo-nos à realidade contemporânea sem nos apercebermos realmente do misticismo e do porquê de determinadas celebrações, voltemos a valorizar as coisas tal como são...

ANIMAL-ICES

por Rui Magalhães

Era um cão fadista! Nem o nome destoava mas esclarecia a grande falta de imaginação do meu patrão, Negrito! Óbvio demais, pois era preto calçado de branco, meio Braco. Está bem, não era de raça pura mas o meu nariz desmentia todos os que duvidavam. Para a perdiz, para o coelho, para o lagarto e a lagartixa não havia pai! Tinha apenas duas fraquezas, cadelas e comida. Era mais forte do que eu, sempre que alguém se aproximava da comida, rosnava. Bem e então com gajas era o desvario total. E tinha de me pôr fino pois a concorrência caseira era bravia e de dente afiado. O estuporado do Alfredo, um filho desnaturado, já há algum tempo que duvidava do meu comando e então o Apolo, bruto como as casas, com a mania dos Serra da Estrela, com esse não havia hipótese, era mais forte do que eu, mas mesmo assim nunca me ficava e levava cada coça que nem vos conto. Mas a melhor foi quando numa das minhas muitas aventuras sentimentais, jovem estouvado sempre a exercer o direito de pernada, apanhei um vírus que degenerou em cancro. Chiça! E agora? - pensei eu. Só podia ter sido a Fanny, aquela podenga ranhosa que não me largava a braguilha, embora eu também não me fizesse rogado. Valeu-me o meu dono que num rasgo de caridade me apresentou um seu amigo, veterinário, que andava por aqui à caça e que decretou "isto é

um sarcoma de Stiker, já só quase aparece em países do terceiro mundo"! Fiquei elucidado, com que então terceiro mundo? A rameira da Fanny pegou-me o vírus e como não foi descoberto, evoluiu para sarcoma, mas devo confessar que não sentia nada e o pior foi que ainda tinha andado com a Laica e a Max. Catano, e agora? Cobardemente nada disse mas quis Deus que nada lhes acontecesse. Hospital Veterinário de Vila Real. Eu até gosto de andar de carro mas a partir daí e durante seis semanas foi um desatino, todas as sextas lá ia eu para a quimioterapia. É verdade cão-zoada, quimioterapia, e esta? Aquela porcária doía que se fartava, rapavam-me a pata e colocavam-me uma agulha e aquilo corria durante 15 minutos para as minhas veias que pareciam arder! Mas aí é que foi engraçado, o meu dono, da primeira vez levou também a Laica, pois parecia estar prenha com fortes possibilidades de ser eu o pai, claro está! Na clínica estive quase a fazer a folha a um papagaio que logo que soube o que ali me trazia não parou de me azucrinar o toutiço. Mas enfim, lá me comortei e após as análises ao sangue, rins, check-up geral, lá se confirmou o tal de Stiker. E já agora um aparte, estas análises todas demoraram apenas hora e meia, muito menos que as semanas que demoram para os humanos. De seguida foi a Laica, que felizmente, não tinha nada, o que tolamente

me levou a suspeitar que ela me andava a embarrilar. Ciúmes de canalha. Fizeram-lhe duas ecografias e pude ver dez cachorrinhos que logo enxerguei serem meus, pela forma como se torciam como eu a dormir. Mas a nomeada da minha maleita terceiro mundista foi ligeira a correr o Hospital e passadas duas horas, tinha uma catrefada de alunos do terceiro ano comandados por um professor a conferenciar com o meu dono. Só me apercebi do combinado quando pegaram em mim e me colocaram numa espécie de mesa e me começaram a observar. Uma aluna começou a mexer-me e se não fosse preto, corava, de certeza, pois toda a gente pôde então fitar o famigerado sarcoma na base do meu, como dizer... instrumento!

E durante seis sextas-feiras foi assim, com o meu dono mercantilista a trocar a observação e o acompanhamento da enfermidade por parte da turma pelos custos do tratamento. Lá para o fim aquilo já me estava a dar cabo do fígado e embora nunca tivesse sido de excessos, quando comia qualquer coisa fora da ração, já me começava a incomodar. Até hoje, 5 anos depois, nada mais tive e tenho-me mantido activo mas confesso que já não é qualquer galdéria que me seduz. Também, é um pouco como a raposa, "estão verdes, não prestam", pois com o Apolo por perto não tenho condições, maldito seja.

Quintinha do Manel

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues
Carrazeda de Ansiães

Restaurante, Pensão / Residencial

278617487

 **SuperMaisAnsiães**

Rua Dr.º José João de Freitas Nº 50 * 5140-069 - Carrazeda de Ansiães
Tlf./Fax 278 615 000

Caldas de S. Lourenço: O despacho que tardava!

Quando o S. Pedro faz “greve” do Sol, a luz brilha para os lados do S. Lourenço

Na semana em que uma nova luz brilhou no fundo do Túnel do Marão, com a reabertura do processo para a sua finalização, uma outra luz veio iluminar o concelho de Carrazeda de Ansiães em geral e os habitantes da freguesia do Pombal. Falamos da publicação no Diário da República no dia 27 de fevereiro do Despacho que vem reconhecer as qualidades terapêuticas das águas do S. Lourenço e que aqui transcrevemos na íntegra (ver caixa).

Este é sem dúvida um momento há muito esperado. Mas, em abono da verdade, é importante deixar aqui bem vincado que este período de espera decorreu de um imperativo legal. É que, sem este “reconhecimento pelo Poder Central nada mais se poderia fazer. O tempo de espera foi longo mas acabou por ser frutífero depois que o Executivo

Camarário encaminhou o processo pelas vias que era necessário fazê-lo seguir.

Trata-se de uma pequena “vitória” da qual se poderão vir a ganhar grandes proveitos a nível de turismo termal e isso dinamizará a economia local.

Diário da República, 2.ª série — N.º 41 — 27 de fevereiro de 2014

Gabinete do Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Saúde

Despacho n.º 3248/2014

A Comissão de Avaliação Técnica propôs o reconhecimento das indicações terapêuticas da água mineral das Caldas de S. Lourenço, situadas na freguesia de Pombal, concelho de Carrazeda de Ansiães, para doenças do aparelho respiratório e doenças reumáticas e musculoesqueléticas, nos termos da alínea g) do n.º 5 do artigo 29.º do Decreto-Lei n.º 142/2004, de 11 de junho, tendo a Direção-Geral da Saúde procedido ao seu reconhecimento.

Assim:

1 — Nos termos e ao abrigo do disposto no n.º 1 do artigo 30.º do Decreto-Lei n.º 142/2004, de 11 de junho, atribuo às Caldas de S. Lourenço as seguintes indicações terapêuticas:

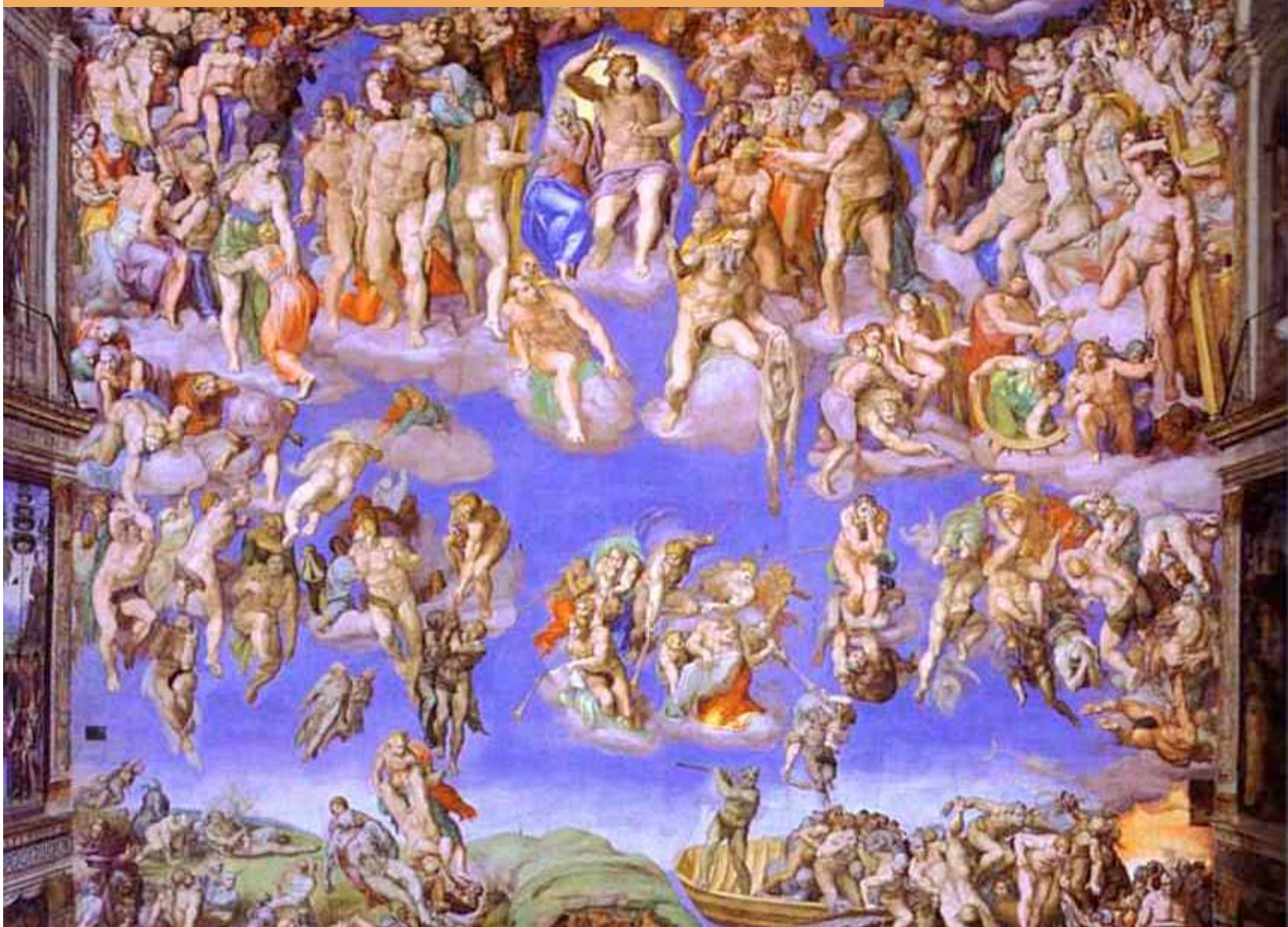
- a) Doenças do aparelho respiratório;
- b) Doenças reumáticas e musculoesqueléticas.

2 — O presente despacho produz efeitos no dia seguinte ao da sua publicação.

18 de fevereiro de 2014. — O Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Saúde,
Fernando Serra Leal da Costa.



"Dies irae"



João Matos

Esta noite choveu forte, relampejou, trovejou, ventou, estivemos longos períodos sem corrente elétrica, num escuro de breu. Tudo isto fez-me pensar no "dies irae", dia do julgamento final, tão bem sonorizado nos "requiem" dos diversos compositores.

Deus, senhor onnipotente e justo, a todos, nesse dia, fará tremer, enquanto esperam a salvação eterna ou a condenação ao fogo do inferno: treme-se com a esperança da bondade e com a inexorabilidade

da justiça. Da boca de todos os míseros humanos só sairá uma prece, um pedido temeroso: "tende piedade de nós, Senhor". A medo ainda argumentarão: foi tão curta a minha passagem, eu não sei o que fiz, arrependo-me prostrado a vossos pés.

Esta noite fez-me lembrar também noites semelhantes da minha juventude, em que o vento assoviava por entre os interstícios das telhas vãs das casas de então, em que as faíscas e os trovões faziam tremer e quase esboroar as paredes de pedra solta, que resguardavam os pardieiros em que vivíamos. Permanecíamos, então, lá dentro, quase às escuras, rezando a Santa

Bárbara para que levasse a trovada para onde mal não fizesse: "Santa Bárbara bendita, Que nos céus estás escrita com papel e água benta, Livrai-nos desta tormenta" (Não interessava o que se dizia, com nexa ou sem ele, o que interessava era a devoção em voz bem audível... no céu).

Outra lembrança me acudiu nesta noite funesta: as almas do outro mundo, que, noutros tempos de escuridão, vagueavam por trás da igreja da minha terra, em noite cerrada, fazendo ericar de susto os pelos dos pobres mortais que tinham o azar de passar por onde elas andavam, numa disputa, em correria, com os lobisomens e

feiticeiras.

Não havia, porém, apenas, coisas medonhas nessas noites de antanho. Também havia momentos felizes, duma felicidade quentinha, como os passados na cama, sob o peso de meia dúzia de cobertores, por um homem e uma mulher que se amavam e que, ligados um ao outro, sentiam o calor da roupa e o calor do amor a uni-los.

Durante séculos e séculos, foi sempre esta a maior satisfação dos humanos, satisfação que cumpria uma obrigação imposta por Deus: Multiplicai-vos.

SERRALHARIA “A NOVA”



Patrícia Pinto

A Serralheria A Nova é propriedade do já muito conhecido Sr. Albino (Ferreiro) que por onde passa deixa um sorriso alargado daqueles que cumprimenta.

Simpatia, simplicidade e empenho são três das muitas características que definem o Sr. Albino.

Falando da Serralheria A Nova, a mesma conta já com décadas de existência e tanto patrão como funcionário todos os dias fazem o melhor que podem, e que sabem, para satisfazer as necessidades dos clientes, investindo sempre que se podem em alguma inovação mas mantendo os traços genuínos que deram o bom nome a esta casa comercial.

E o que pode se feito na Serralheria A Nova perguntam vocês? Nesta serralheria fazem-se

portões de ferro ou de alumínio, fazem-se escadas de ferros, escadas em caracol, fazem-se portas ou janelas de ferro ou alumínio, fazem-se aquelas armações de ferros ou aço para servir de suporte para as telhas, fazem-se aquelas portas de aço de correr em lojas, bares, supermercados e outros, fazem-se aquelas grades de ferros com pontas de lança, enfim,



tudo aquilo que possa ser feito com ferro, aço e alumínio, baloiços, entre muitas outras coisas.

Mas como não poderíamos deixar de o fazer, falamos com o Sr. Albino a fim de percebermos melhor a envergadura deste negócio. O resultado é o que pode ler a seguir.

Quantos anos leva como dono da serralheria?

Eu era empregado do antigo dono da Serralheria A Nova e quando o dono se reformou eu

como já tinha a experiência e o gosto pelo que fazia, decidi ficar com o negócio e aproveitar o gosto que já estava comigo pela arte. Fiquei



com a serralheria por volta dos anos 90, mais coisa ou menos coisa.



Ser serralheiro sempre foi a profissão que desejou exercer?



Em parte foi. Eu deixei de estudar e calhou ter arranjado emprego no meu antigo patrão, daí veio o gosto pelo ofício e tanto gosto que fiquei com o negócio para ser o meu “ganha-pão”.



Quais são os artigos que os clientes mais procuram aqui no estabelecimento?

Grades, portas, janelas, pequenas engenhocas para as suas *bricolages* e até cá vêm só pelo convívio, o que me deixa bastante contente e orgulhoso mas procuram-nos para um pouco de tudo o que pode existir na área da serralharia.



Como tem sido o negócio nos últimos anos?

Muito fraco, muito fraco mesmo. Antes havia trabalho para 3 ou 4 empregados, agora sou eu e outro funcionário e o trabalho às vezes não chega para os dois.



A seu ver, as grandes superfícies imobiliárias e não só, têm afastado possíveis clientes aqui da casa pelo facto do preço desses produtos, nos locais em questão, ser menor e existir hoje uma melhoria acentuada nas acessibilidades rodoviárias aos grandes centros?

Sim, sem dúvida alguma. As pessoas iludem-se com o preço, com o barato mas não trazem qualidade e acabam por não fazer um investimento que lhe forneça lucros, a médio e longo prazo pode provocar-lhes até várias despesas.

Quais os principais motivos que o levam a ser patrocinador do jornal O Pombal?



Gosto de ajudar a Associação, a aldeia do Pombal, o concelho e porque para mim um jornal com estas características é uma das melhores maneiras para fazer publicidade ao negócio e assim fazemos dois em um, ajudamo-nos a nós e a quem se esforça pela evolução do concelho como a Associação Recreativa e Cultural de Pombal de Ansiães.

Portas, portões e janelinhas a preços de família na Serralheria A Nova. Se ainda não visitou, não demore mais tempo. O Sr. Albino brindá-lo-á com a sua simpatia e oportunidade de negócio.

Partiu-se-lhe a porta da padaria? Não espere pelos ladrões e visite o Sr. Albino na sua Serralheria.



Arte e Magia Transmontana

Entre os dias 23 de fevereiro e 30 de março, estará presente na Sala de Exposições do Centro de Inovação Tecnológico INOVARURAL de Carrazeda de Ansiães – CITICA – uma exposição denominada “Arte e Magia Transmontana”.

Trata-se de uma exposição organizada em parceria pela Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães e a *Associação Grupo de Caretos de Podence* que visa a divulgação da indumentária e adereços usados pelos Caretos de Podence.

Visitar esta exposição é ter oportunidade de apreciar diversas máscaras, outros adereços usados pelos Caretos e a sua indumentária completa. A exposição complementa-se com inúmeras fotografias e telas da autoria, por exemplo de Graça Morais e António Santos Silva.

Esta exposição realiza-se numa época bastante oportuna uma vez que é no domingo de Carnaval que os caretos voltam a sair à rua para deixar marcada a entrada no período da Quaresma, a qual remete para a contenção. Por isso mesmo, este ritual é marcado pela total prodigalidade, ou melhor pelos excessos, incluindo os comportamentais mas onde tudo é permitido.

O som estridente dos guizos e campainhas, o forte colorido dos fatos de lã, associados a uma enorme algazarra dos “rapazes” transforma-se numa festa em que estes se assumem como figuras demoníacas que, com um movimento das ancas fazem com que as bandoleiras que suportam os guizos se transformem em chicotes com os quais “chicoteiam” todos aqueles com quem se deparam, numa atitude de expurga dos males de espírito. É na época carnavalesca que os valores se invertem e predominam os símbolos do caos que os Caretos tão bem representam com os seus rituais.

Esta é, pois, uma exposição que divulga as tradições ancestrais transmontanas e que pode ser visitada de terça a sexta-feira das 14h00 às 17h30 e ao fim-de-semana das 14.30h às 18.30.h. À segunda-feira e feriados está encerrada.

Fonte: In *GUIA Expresso “O melhor de Portugal”* – 12 – Festas, Feiras, Romarias, Rituais



O que é o sangue e que funções desempenha no nosso organismo?



Adriana Teixeira

O sangue é constituído por vários tipos de células, diferentes na aparência e também na função que realizam.

Trata-se dos GLÓBULOS VERMELHOS, GLÓBULOS BRANCOS e das PLAQUETAS.

Os glóbulos Vermelhos (G.V.) são células sem núcleo, com forma de um disco bicôncavo. Vistos ao microscópio ótico, parecem círculos de cor vermelha com o centro mais claro. A sua função consiste no transporte da hemoglobina, isto é, a proteína que leva o oxigénio (O_2), dos pulmões para todos os tecidos do corpo, trazendo dos mesmos tecidos o dióxido de carbono (CO_2) para os pulmões.

Os Glóbulos Brancos também chamados Leucócitos são de dois tipos:

Monócitos e Neutrófilos são células que estão dentro dos vasos sanguíneos mas que também migram para os tecidos e, ao contrário dos glóbulos vermelhos, possuem núcleo. Têm como principal função eliminar dos tecidos bactérias, células mortas, anormais ou infetadas. Juntamente com os linfócitos e ainda

outras células mais raras fazem parte do sistema imunitário do organismo.

Linfócitos B e T. Os linfócitos B, células responsáveis pela imunidade humoral que é a produção de anticorpos e os linfócitos T, células responsáveis pela imunidade celular. Os linfócitos actuam nas infeções causadas por vírus.

As Plaquetas são células muito mais pequenas, que os glóbulos vermelhos e brancos, mas não menos importantes pois atuam na coagulação do sangue, juntamente com outras moléculas existentes no plasma sanguíneo.

Estas diferentes espécies de células, de formato desigual com funções específicas são, no seu conjunto, conhecidas como “os elementos figurados do sangue”.

Além desta parte celular o outro elemento do sangue é o PLASMA. Trata-se de um líquido complexo de cor amarelada constituído 90 por cento de água e por proteínas, nutrientes, hormonas, enzimas e iões.

Como se estuda o sangue?

Os elementos figurados contam-se de forma automática em aparelhos próprios. O resultado dessa contagem permite saber se os valores encontrados estão dentro dos parâmetros normais atendendo à idade e sexo da pessoa em estudo. Há no entanto alterações qualitativas das células só detetadas pela observação ao microscópio. Podem-se notar mudanças da

forma, tamanho, alterações no citoplasma e alterações do núcleo. Esses dados, vão permitir tirar elações sobre a maturidade celular e consequentemente sobre a capacidade dessas células exercerem cabalmente a sua função no organismo.

O equilíbrio entre a produção e a destruição das células do sangue e o equilíbrio dos constituintes do plasma, são essenciais para a oxigenação e alimentação de todos os órgãos do corpo, bem como para a defesa do organismo contra as agressões externas. Quando há desequilíbrios aparecem as várias doenças de que falaremos em próximos artigos.

Curiosidades:

O nosso organismo pode produzir até cem milhões de glóbulos brancos por dia.

O pús, não é mais que “os despojos” da batalha travada entre os glóbulos brancos e as bactérias. Visto ao microscópio podemos detetar glóbulos brancos e mi-

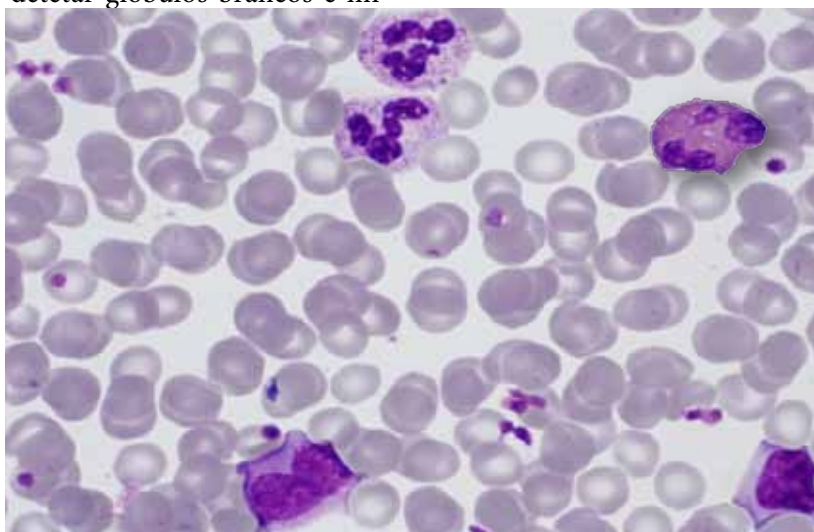
croorganismos mortos.

Em 1658 Jan Swammerdam, cientista holandês identificou ao microscópio pela 1ª vez os glóbulos vermelhos em sangue de rã.

Anton Van Leeuwenhoen, foi um comerciante de tecidos, cientista e construtor de microscópios também holandês. Nasceu em 1632 e, em meados do século XVII viu pela primeira vez microorganismos ao microscópio, células musculares e de capilares, isto é de pequenos vasos sanguíneos.

Esfregaço de sangue periférico (Na imagem)

Vêm-se os glóbulos vermelhos que são de tom vermelho acinzentado com o centro mais claro, duas células com grânulos na parte superior que são os granulócitos e duas células na parte inferior que são os linfócitos.



“CARPE DIEM”



José Alegre Mesquita

Pelo inverno, a paisagem torna-se quase uniforme em decrepitude e hostilidade. Apenas os pinheiros e os sobreiros mostram o seu verde envergonhado, derreados com o peso do gelo e da neve e flagelados das acometidas do vento. As outras árvores nuas e expostas repousam do parto do outono, oferecendo ao caminhante um tapete de folhas de tonalidades frias e ao vento cantor, melodias amargas e compadecidas. À povoação descem as raposas matreiras a filar galinhas. De quando em quando,

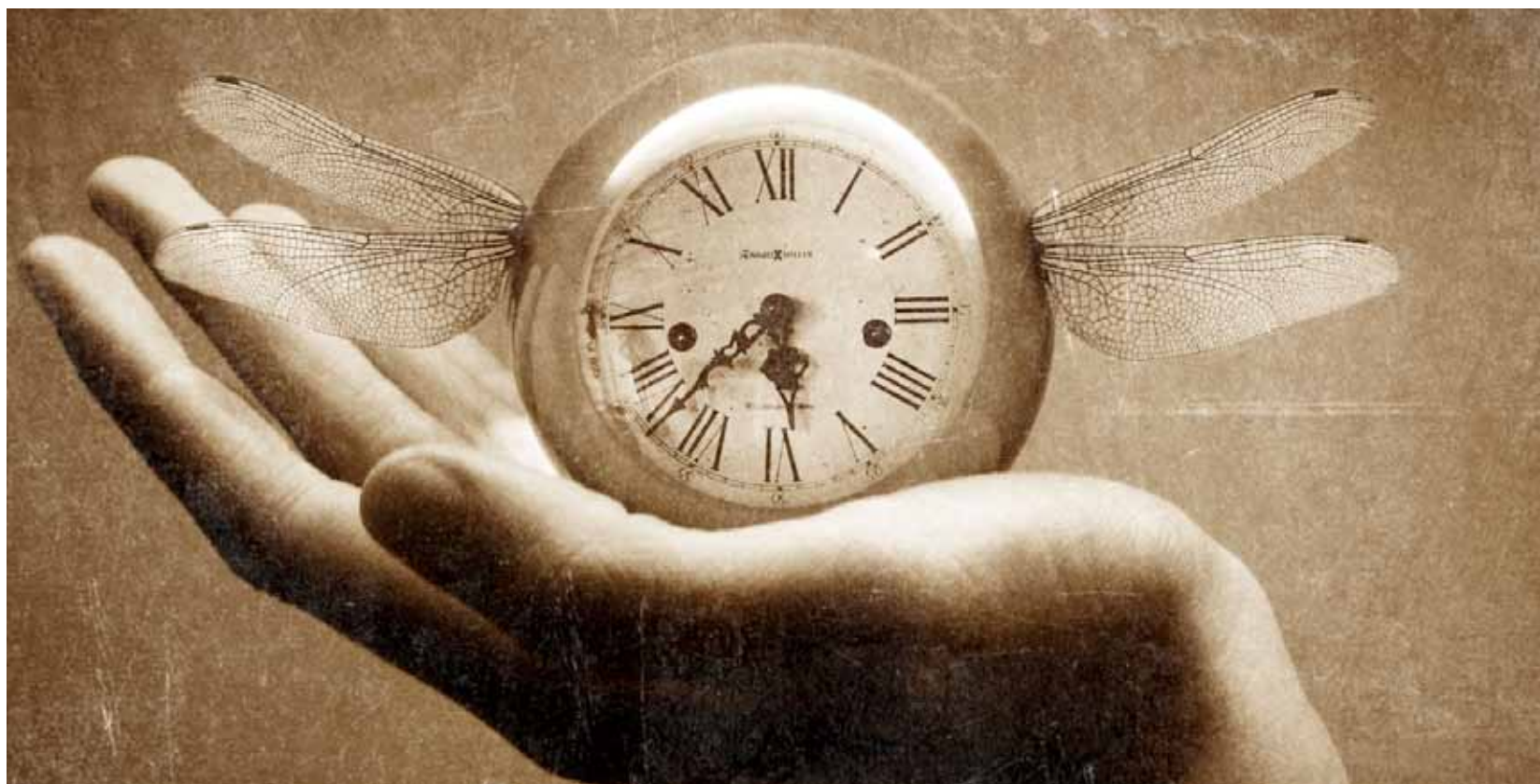
os lobos esfaimados investem e deixam um rasto de sangue e dor nos cães desprotegidos. A neve é presença certa e cobre a aldeia de um silêncio penoso. Em cada manhã depois do nevão sai-se para descobrir o rasto fresco do coelho desprevenido que o furão ou o sachó de dois bicos surpreende na toca. Aos lameiros acorrem corvos tristes e estorninhos esfomeados. No alto do negrilho e no cedro do Largo, os pardais chiam desesperados de frio e fome. Nas noites de lua cheia, ouve-se o piar triste e penoso do mocho agoirento. As pessoas recolhem-se engaranhadas a casa. A lenha é bastante no cabanal, o porco está na salgadeira, o pipo já tem o esguicho, na arca há cereal suficiente, o forno continua a cozer, mais as batatas e as couves, é suficiente para uma alma descansar um pouco.

Pelo São Gregório começa-se a sair mais da toca. As aves apare-

cem como por encanto e alegram a mata circundante em piores e cantares divinos: a andorinha diligente regressa ao beiral caído de novo; o cuco dá anos de solteira à rapariga ansiosa de casar; a cotovia surpreende o incauto em qualquer passo do monte, a rola e o pombo arrulham namoros no alto dos pinheiros; o pintassilgo esvoaça doido, em bebedeiras de amarelo, de árvore em árvore; o gaio colorido espera paciente para a rapina das cerejas, das malápias e dos figos. O colorido dos rebentos das árvores reaviva as ladeiras dos montes. O quadro envolvente alegra-se de árvores floridas com os tons do arco-íris, que pontuam o olhar: amendoeiras, brunheiros, ameixoeiras, maracoteiros, pessegueiros, macieiras, cerdeiras, malapieiras. O pincel rebelde asperge os lameiros do amarelo e branco das primaveras e do vermelho das papoilas. Nos

montes floresce a mata-pulga, o alecrim, o rosmaninho, a alfazema que se colhem para a fogueira do São João. No ar, o perfume é fresco e delicioso. Nas bermas dos caminhos crescem dedaleiras que são as companheiras dos rapazes indolentes - pegam-nas pelas pétalas e de uma pancada, nas costas da mão, produzem significativos estrondos que acordam os estremunhados grilos e enervam os hiperativos gafanhotos. Os muros das paredes expõem azedas que se colhem para umas provas de paladar, seguidas de um trejeito de boca, que convida, sabe-se lá porquê, a continuar a prova. A festa da natureza vai em crescendo até à Páscoa e torna-se clímax com o desabrochamento das maias que pintam tudo à volta de branco e amarelo.

Do livro “Selorese uma casa”



Jornal “O Pombal” n.º 204 de 28 de Fevereiro de 2014



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carraceda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100.º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 20/02/2014, lavrada a partir de folhas setenta, respetivo livro de notas número setenta e dois - C,

Antónia dos Santos Pinto, NIF 177 854 979, solteira, maior, natural da freguesia de Parambos, concelho de Carraceda de Ansiães, **Fernando Augusto de Lima**, NIF 110 739 710, e mulher **Maria Ermelinda Vilas Lima**, NIF 110 739 728, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais da freguesia de Pinhal do Norte, concelho de Carraceda de Ansiães, onde residem na Brunheda, Estrada Nacional

214, n.º 121, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de um **prédio rústico** composto de terra de vinha e mato, com a área de trinta e nove mil duzentos e setenta e seis metros quadrados, sito na Bajanca de Cima ou Valcoco, **freguesia de Pinhal do Norte, concelho de Carraceda de Ansiães**, que confina a norte com caminho público, a poente com Jerónimo José Alves, a nascente com José Armando de Castro e a sul com Joaquim Catarino, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carraceda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 2895, com o valor patrimonial de € 11431,40, igual ao que lhe atribuem.

Que, adquiriram o referido prédio, *já no estado de casados*, em dia e mês que não sabem precisar mas seguramente por volta do ano de mil novecentos e oitenta e quatro, por compra meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública a Maria Cândida Meneses Barbosa, que foi solteira, maior e residente na dita freguesia de Pinhal do Norte, já falecida.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde a citada data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o,

semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio rústico por **usucapião**, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

20.02.2014, A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Jornal "O Pombal" n.º 204 de 28 de Fevereiro de 2014



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carraceda de Ansiães

CERTIDAO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 18/02/2014, lavrada a partir de folhas SESENTA E TRÊS, respetivo livro de notas número setenta e dois - C,

Antónia Joaquina Alves, NIF 158 627 261, viúva, natural da freguesia de Pereiros, concelho de Carraceda de Ansiães, residente na Travessa da Fonte, Zedes, freguesia de Amedo e Zedes, concelho de Carraceda de Ansiães, titular do B.I. nº 774659 6 emitido em 04/03/2002 pelos SIC de Bragança, declarou:

Que, com exclusão de outrem, é possuidora dos bens imóveis:

IMÓVEIS SITOS NO CONCELHO DE Carraceda de Ansiães, na extinta freguesia de Mogo de Malta

Verba n.º 1

Natureza: rústica

Composição: terra de centeio, vinha com cepas, árvores de fruto decrépitas, sobreiros, batata, pastagem com árvores de lenha

Confinantes: João da Cruz Araújo (Norte); Manuel Azevedo (Sul); João da Cruz Araújo (Nascente); Amélia Teixeira (Poente)

Situação: João Crespo

Artigo Matricial: 2320 da freguesia de Belver e Mogo de Malta (anteriormente inscrito sob o artigo 993 da extinta freguesia de Mogo de Malta)

Área: 21532 m2

Valor Patrimonial para efeitos de IMT: € 718,85

Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carraceda de Ansiães **na extinta freguesia de Zedes**

Verba n.º 2

Natureza: rústica

Composição: terra de centeio

Confinantes: Trigo Morais (Norte); Adão Chouzende (Sul); António Bernardo (Nascente); Joaquim Martins (Poente)

Situação: Fanancais

Artigo Matricial: 1129 da freguesia de Amedo e Zedes (anteriormente inscrito sob o artigo 267 da extinta freguesia de Zedes)

Área: 7200 m2

Valor Patrimonial para efeitos de IMT: € 256,42

Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carraceda de Ansiães

Verba n.º 3

Natureza: rústica

Composição: terra de centeio e fragada

Confinantes: João Batista (Norte); Joaquim V. Martins (Sul); António F. Oliveira (Nascente); José Gonçalves (Poente)

Situação: Bernardo

Artigo Matricial: 1370 da freguesia de Amedo e Zedes (anteriormente inscrito sob o artigo 389 da extinta freguesia de Zedes)

Área: 15000 m2

Valor Patrimonial para efeitos de IMT: € 404,08

Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carraceda de Ansiães

Verba n.º 4

Quota-parte: 700/100.000

Natureza: rústica

Composição: terreno para cultura de batata e trigo

Situação: Brunhais

Artigo Matricial: 1896 da freguesia de Amedo e Zedes (anteriormente inscrito sob o artigo 660 da extinta freguesia de Zedes)

Área: 7669 m2

Valor Patrimonial para efeitos de IMT correspondente

à fração: € 70,02

Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carraceda de Ansiães

Descrição predial: Descrito na Conservatória de Registo Predial de Carraceda de Ansiães sob o n.º **quatrocentos e noventa e um**, sem inscrição de aquisição quanto a 96/100 e com inscrição de aquisição de 4/100 a favor de Eliza da Luz Gonçalves Loureiro conforme apresentação 3222 de 2010/11/15

Comproprietários: Eliza da Luz Gonçalves Loureiro, viúva, residente no lugar da Igreja, Santa Marinha do Zêzere, Baião; Jacinta Bragança, casada, residente na dita freguesia de Amedo e Zedes; Herculan Rodrigues, casado, residente na dita freguesia de Amedo e Zedes; Isabel Novo, divorciada, residente na Alemanha; Conceição Araújo, viúva, residente na dita freguesia de Amedo e Zedes; herdeiros de José Joaquim; herdeiros de Angelo Alfredo

Verba n.º 5

Quota-parte: uma terça parte indivisa

Natureza: urbana

Composição: prédio com dois andares e anexa uma dependência

Afetação: habitação

Confinantes: Joaquim Martins (Norte); rua (Sul); rua (Nascente); António Oliveira (Poente)

Situação: Prado - Travessa da Fonte, Zedes

Artigo Matricial: 39 da freguesia de Amedo e Zedes (anteriormente inscrito sob o artigo 23 da extinta freguesia de Zedes)

Área: coberta 80 m2

Valor Patrimonial para efeitos de IMT correspondente à fração: € 2380,00

Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carraceda de Ansiães

Comproprietário: Joaquim Soares, casado, residente na dita freguesia de Amedo e Zedes.

Que, entrou na posse dos indicados prédios no ano de mil novecentos e noventa e três, já no estado de viúva, por compra meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública, feita em dia e mês que não pode precisar a António Meneses Barbosa, que foi casado e residente na dita freguesia de Zedes, já falecido.

Que, deste modo não possui título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial os identificados imóveis, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material dos mesmos, ela justificante, já possui, em nome e interesse próprios, os prédios em causa, tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais: nos prédios rústicos de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-os, semeando-os, cultivando-os, colhendo os seus frutos, e no prédio urbano de conservação, uso e aproveitamento, tais como, fazendo as necessárias obras de limpeza e conservação, a expensas suas, desde então utilizando-o como casa de habitação, cuidando-o, nele guardando os seus haveres e demais pertences, aproveitando, assim, deles todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por eles devidos, agindo sempre como sua proprietária, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre os identificados prédios, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu os citados prédios por **usucapião**, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita. 18.02.2014. A Conservadora,

(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Jornal "O Pombal" n.º 204 de 28 de Fevereiro de 2014



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carraceda de Ansiães

CERTIDAO

Certifico para fins de publicação, nos termos do art.º 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial em 28/01/2014, lavrada a partir de folhas trinta e quatro, respetivo livro de notas número setenta e dois - C, **Frederico Alfredo Meireles**, NIF 189 343 419 casado sob o regime de comunhão de adquiridos com **Lúcia da Conceição Moutinho Meireles** natural da freguesia de Beira Grande concelho de Carraceda de Ansiães residente na Sainça freguesia de Belver e Mogo de Malta, concelho de Carraceda de Ansiães, declarou;

Que com exclusão de outrem são donos e legítimos possuidores de um prédio urbano composto de casa com altos e baixos,

Que, com exclusão de outrem, é dono e legítimo possuidor dos seguintes bens imóveis, situados na freguesia de Seixo de Ansiães, concelho de Carraceda de Ansiães, ainda não descritos na Conservatória do Registo Predial de Carraceda de Ansiães que totalizam o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 1102,60:

Um) prédio rústico composto de terra de centeio, vinha, árvores de fruto, horta e oliveiras, com a área de quatro mil oitocentos e setenta e cinco metros quadrados, sito no Moinho Novo, a confrontar do norte com José António Nunes do poente com caminho, do sul com Mariano Cordeiro e do nascente com ribeiro, inscrito na respetiva matriz sob a **artigo 1242**, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 866,96, igual ao que lhe atribuem; e

Dois) prédio rústico composto de terra de centeio, árvores de fruto e oliveiras, com a área de quatro mil oitocentos e setenta e cinco metros quadrados sito no Moinho Novo, a confrontar do norte com Jaime Cordeiro do nascente com ribeiro, do poente com caminho e do sul com José António Nunes, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1243**, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 235,64, igual ao que lhe atribuem.

Que entrou na posse dos indicados prédios ainda no estado de solteiro, maior, no ano de mil novecentos e oitenta e oito por compra verbal a Jaime Cordeiro e Mariano Cordeiro, que foram viúvos e residentes na dita freguesia de Seixo de Ansiães, já falecidos.

Que, deste modo não ficou a dispor de título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial os identificados prédios, porém, desde o citado ano data em que se operou a tradição material dos mesmos, ele justificante, já possui, em nome e interesse próprios os prédios em causa, tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola tais como amanhando-os, semeando-os, cultivando-os, colhendo os produtos semeados, designadamente centeio aproveitando assim deles todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por eles devidos, agindo sempre como seu proprietário quer na sua fruição quer no suporte dos seus encargos tudo isso realizado à vista de toda a gente sem qualquer ocultação de forma continuada ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria tendo assim, mantido e exercido sobre os identificados prédios durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio pelo que adquiriu os citados prédios por usucapião que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita. 03.02.2014

A Conservadora, Ana Paula Pinto Filipe da Costa

Restaurante
CALÇA CURTA

Especialidades da Casa:
Carrys:
Veado, Javali, Coelho Bravo, Perdiz e Arroz de Lebre
Peixes:
Polvo, Bacalhau, Enguias, e Peixinhos do Nosso Rio
Agência: TOTOBOLA - TOTOLOTO
ESPLANADAS DE LAZER
E PAISAGENS ESPECTACULARES

Telef. 278 685 255
5145-133 TUA

DELÍCIA DE ANSIÃES

Rua Jerónimo Barbosa | 5140-077 Carraceda de Ansiães

● 965 307 759 ● 278 108 717

Fabrico Próprio

- ✓ Bolos de Casamento
- ✓ Batizado
- ✓ Aniversário
- ✓ Pastelaria Variada
- ✓ Variada gama de pão
- ✓ Fofares
- ✓ Pizzas
- ✓ Cachorros
- ✓ Hambúrguer



DOCES DA PURI

Puri Fernandes

Beco do Jaime, 30
5140-182 Parambos
Carraceda de Ansiães
Trás-os-Montes

Telf.: 278 685 233
E-mail: dapuri@hotmail.com
<http://docesdapurieetc.blogspot.com/>
<http://www.facebook.com/DocesdaPuri>



Das Bandas Militares às Bandas Filarmónicas

Fotogeneral
Cunhalho-Lima



**Fernanda
Natália**

Filarmónicas tiveram antecessoras as Bandas cuja origem remonta ao enquanto as primeiras surgiram no século seguinte. as Bandas Militares foram autorizadas por Decreto do marechal Beresford em 1810, sendo

na época constituídas por 12 ou 16 figuras. Mais tarde, em 1838 foi criada a Banda da Guarda Municipal (atual Guarda Nacional Republicana) tendo sido nomeado Jerónimo Soller para a chefiar. Segundo alguns investigadores, as Bandas Militares surgiram na sequência da tradição de se associar a música a momentos de guerra, usada para incentivar a força e a coragem, servindo como meio de lazer em períodos de paz.

Embora umas surjam na sequência das outras, é importante destacar os elementos que as distinguem. As Bandas Militares serviram como meio para recrutar os elementos para as Bandas Filarmónicas mas, enquanto aquelas tinham um cariz profissional e urbano,

estas sempre tenderam para o amadorismo e viradas para os meios rurais. Mas, nem por isso deixaram de ter um papel muito importante, constituindo-se como autênticas escolas de música.

Focalizando-nos, agora, no concelho de Carrazeda de Ansiães temos de reconhecer que também nesta área existem tradições de boa memória. Na verdade, já existiram no concelho três Bandas Filarmónicas: Carrazeda de Ansiães, Marzagão e Vilarinho da Castanheira. É nosso propósito no próximo número deste jornal centrarmos a nossa atenção nestas Bandas Filarmónicas. Porém, queremos antes fazer jus a um nosso conterrâneo cuja vida ficou indelevelmente ligada à música e, mais concretamente às Bandas Militares. Falamos de **Francisco Pereira de Sousa**, conhecido como **Capitão Pereira**.

O Capitão **Francisco Pereira de Sousa** nasceu em Castanheiro do Norte, em 26 de Novembro de 1885.

Assentou praça em 1905, em Cavalaria 6, ao tempo em Chaves, tendo passado depois à clas-

se de música, no Ultramar, em Moçambique, onde serviu durante algum tempo.

Após o seu regresso de Lourenço Marques, em 1908, fez toda a sua carreira militar e musical em Portugal.

Chefe de Banda do Exército, dirigiu superiormente, entre outras, as Bandas dos Regimentos de Infantaria 18 e 6 e dos Batalhões de Caçadores 3 e 9, respetivamente, ao tempo, no Porto, Penafiel, Chaves e Viana do Castelo.

Em Penafiel, onde viveu durante alguns anos, foi o principal fundador do Orfeão Penafidense, que alcançou projeção e notoriedade sob a sua direção.

Militar disciplinado e disciplinador, foi devotado cultor e amigo da Arte Musical, que abraçou por autêntica vocação. Compositor e, sobretudo grande instrumentista, deixou ampla produção musical, constituída por algumas dezenas, ou mesmo centenas, de composições de diversa natureza, quer para Banda, quer para Orquestra Sinfónica, de que se destacam, entre outras, pelo seu merecimento, o poema sinfónico "Memórias da Grande Guerra", dedicado ao Exército, e as Aberturas sinfónicas

“Portugal” e “Mundo Revolto”.

Escreveu também a ópera de carácter popular “Feiticeira da Fraga”, com libreto da autoria do poeta Salvato Feijó, de Viana do Castelo, que colaborou intimamente nesta obra com o compositor Capitão Pereira de Sousa.

Em 1940, dirigiu todas as bandas militares de Lisboa, em conjunto, e em concerto, com obras de sua autoria.

Em Novembro de 1963, igualmente com composições apenas de sua autoria, dirigiu a então denominada Orquestra Sinfónica do Porto, num concerto no Coliseu.

Foram-lhe concedidas, entre outras condecorações, a Medalha de Prata de exemplar comportamento militar e o grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Avis.

Homem de grande firmeza de carácter, fiel ao ideal republicano que perfilhou ainda muito novo, foi um idealista impoluto, entre a plêiade dos que, desgostosos com os erros de uma Monarquia enfraquecida, aspiravam por instituições mais modernas e eficazes. Grande patriota, o que ressalta da natureza e título de muitas das suas composições, foi um transmontano de alma e coração,

com acrisolado amor à sua região e terra natal.

Faleceu no Porto em 27 de Julho de 1969.

Na carta de pêsames enviada à família pelo então presidente da Liga dos Combatentes, pode ler-se “Cidadão ilustre, Homem de uma só fé e de mérito Artístico, que se chamou Francisco Pereira de Sousa, e que honrou a

farda do Exército Português.”

Cortesia: Dra Maria Isabel Abreu e Lima Pereira que nos cedeu as fotografias e elementos biográficos do Capitão Pereira.



A MINHA ALDEIA É CARRANSIÃES



Manuel Pinto

E depois da chuva se despedir, do frio nos ter acompanhado durante todo o mês de Janeiro. Foi ao calor da lareira, no agasalho das nossas casas, que a gente ouviu as notícias dos cortes nas pensões dos Reformados e Aposentados, e ainda dos Funcionários Públicos.

Este Governo brinca com os meninos da 3ª idade. Dá-lhes o passaporte para a morte, mas a vida deu-lhes a lucidez de resistir e lutar. Assim não é tão cedo que se livram da malta e cá estamos para enfrentar o ditado: - “Não há mal que sempre dure, nem bem que nunca se acabe”. Sejam bem-vindos à minha aldeia “CARRANSIÃES”

Aqui na minha aldeia, temos uma identificação própria. Os nossos avós e pais já falecidos, deixaram-nos como herança o sobrenome e assim nasceu esta comunidade de homens e mulheres. Quando eu procuro o Tó V este, é bisneto do António Triste, agora este cidadão não tem documento que o identifique, nem bilhete ou cartão de cidadão. Vantagens? São muitas, não vai á tropa, nem faz descontos em dinheiro vivo para a Segurança Social fruto do seu trabalho. Não pagou imposto sucessório pela casa que herdou, nem paga IMI á autarquia, mas

vive na onde nasceu e cresceu. O Tó V teve a sorte do pai ser um bom negociante de gado e por este motivo, também ele negocia e ganha honradamente a sua vida. Os carros, os seguros, as despesas com o gás, água e eletricidade são pagas em nome dos falecidos. Não é um caso isolado este, são muitos, muitos os que desejam viver no anonimato. Em sua defesa apontam para os erros, os vícios, a corrupção que se vive nas aldeias vizinhas.

Em Carransiães, não há Ruas que não tenham nome. O nome das nossas Ruas está ligado á história da aldeia. Homenagem a médicos, ao padre e ao professor, figuras que contribuíram decididamente para o desenvolvimento e progresso da nossa aldeia. As placas dizem: - Bonifácio da Vinha - Professor 1945 - 2010 . Antão Cura - Padre 1932 - 2002. Vital Rural - Médico 1948 - 2011. Infelizmente há terras, onde a toponímia é uma vergonha. Há mesmo a ousadia, a indiferença, de não respeitarem as decisões que a Assembleia do Município aprova. Palavras para quê? Perder tempo a qualificar tais actos?!..

Em Carransiães, nós temos o Rio Douro, a foz do Rio Tua, o comboio histórico, a estação da Alegria, a Barragem da Valeira que produz a eletricidade para os meninos de Lisboa. Nós temos o vinho generoso, que os ingleses levam para as Caves em Vila Nova

de Gaia e exportam para todo o Mundo como vinho do Porto. O Douro é património mundial da humanidade. No Rio Douro que é navegável desde a cidade do Porto até Barca de Alva, conseguimos após dura luta que façam paragens regulares nos cais de Foz Tua e da Senhora da Ribeira. Felizmente a nossa aldeia Carransiães, é conhecida em todo o Mundo, devido às excelentes condições turísticas e de lazer que oferece. Porque não é só ter condições, é preciso rentabilizar os recursos que temos. Por isso é que vendemos o peixe dos nossos Rios, o comboio histórico circula cheio de turistas e animação de grupos da nossa terra. Até há sessões de fado, no grandioso cenário da Barragem da Valeira com fogo de artifício e o sorriso inocente de São Salvador do Mundo, atento no seu santuário.

Amigos, em Carransiães, temos a alegria de viver. Nos próximos episódios vamos falar da Justiça e também dos justos reparos a erros que se praticam pelos nossos vizinhos. A história da Albertina, que morreu d'amores por um comerciante - sem moral- que foi julgado e condenado a prisão, onde nem mesmo o facto de ser sacristão o aliviou de sofrer e expiar a sua culpa com sangue, suor e lágrimas. Amigos leitores, sorriam e façam por serem felizes, até á primavera se lá chegarmos.

Carrazeda de Ansiões

Teatro
experimental do
Pombal de Ansiões
Apresenta:

a princesa mascarada

de Dereck Cellegaria

Adaptação: Fernanda Natália Lopes Pereira
Encenação: Fernanda Cardoso Gouveia

09 de março (Domingo) - 2014

15h00

Auditório do CITICA

Centro de Inovação Tecnológico
Inovarural de Carrazeda de Ansiões

Entrada livre



Organização:
Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiões

DIA DA MULHER

ARCPA - Pombal 8 mar 19:30H



Inscrição até 5^a feira,
dia 6 de março

Contactos:

914 903 365 8

914 490 101 50

964 552 379 €

